

O Bolchevismo

O *Bolchevikismo* ou *Bolchevismo* (como se costuma dizer pela lei do mínimo esforço) outra coisa não é senão o Comunismo extremo, apoiado unicamente na *dictadura do Proletariado*. E' constituido pelos Socialistas de ideas mais avançadas.

Como esta é matéria de palpitante actualidade, pois o Bolchevismo tudo tenta avassalar, numa série de pequenos artigos irei apresentando aos leitores as noções necessárias para fazerem uma idea do novo sistema ou da *nova civilização*, pela qual tantos partidários estão lutando. Começemos pelo

Nome. — O desenvolvimento doutrinal da revolução russa, é sobretudo obra dos Círculos russos de Genebra, Bruxellas e Londres. Foi ali que se separaram dos *Socialistas democráticos* os *Socialistas revolucionários agrários comunistas*. Entre aqueles, Plechanow pugnava pelo aproveitamento de todos os partidos e elementos, sem excluir o burguês, para a destruição das actuais instituições. Lenine, ao invés, afirmava que o partido Socialista democrático se devia manter afastado de todos os outros e combater unicamente com as próprias forças as instituições vigentes até as arruinar, para o triunfo dos seus ideais. No primeiro Congresso Socialista russo que se celebrou em 1902 em Bruxellas e Londres prevaleceu, *por maioria* de votos, a opinião de Lenine. Em língua russa *maioria* designa-se pela palavra *Bolschinstwo*, de *Bolschje*, maior; *minoría* diz-se *Menschinstwo*, de *Menschje*, menor. Daqui veio dar-se o nome de *Bolschewiki* aos partidários de Lenine, como quem dissesse em português, *os da maioria*; os sectários de Plechanow ficaram com o nome de *Menschewiki* ou *da minoria*. *Bolchevistas* significa, portanto, *os da maioria* e *Bolchevismo* é o mesmo que partido da maioria; *Menchevistas* são *os da minoria*; *Menchevismo* equivale a partido da minoria.

Um predecessor de Lenine no século XI. — Eis como narra o facto o «Boletim do Governo Ecclesiastico da Diocese de Macau», dezembro de 1919, p. 191:

«No século XI, ao tempo da dinastia de Soui, e sob o império de Tcheu-Tchong, appareceu na China um sociologo de nomeada, chamado Wang-Ngan-tché. Senhor de uma intelligencia prodigiosa e possuindo, em alto grau, o dom da persuasão, facil lhe foi congregar em redor de si muitos adeptos. Depois, era um homem de costumes irrepreensiveis e de uma actividade invejavel. As suas doutrinas eram seductoras, e o imperador, que, a esse tempo, se via impotente para dominar a corrente anarquica, que por então, imperava na China, ouvindo falar de Wang-Ngan-tché, mandou-o vir à sua presença; e, convidado a expor as suas teorias, fê-lo com tanta felicidade e com uma dialectica tão fina e tão cerrada, que Tcheu-Tchong nomeou-o logo presidente do Conselho, com carta branca para pôr em pratica o seu sistema, que era muito simplesmente a socialização integral do imperio. Wang-Ngan-tché, investido no seu alto cargo, proclamou immediatamente o Estado, unico proprietario e universal explorador. Nomeou, para isso, tribunais de agricultura, um para cada districto, encarregados de repartir anualmente, entre os agricultores, as terras aptas para o cultivo, indicando qual o genero de cultura proprio para este ou aquele terreno e distribuindo as sementes necessarias. O produto era propriedade do Estado, que devia regular a distribuição, proporcionalmente às necessidades do povo. Para obter o dinheiro necessario à realização deste projecto e para suprimir gradualmente a desigualdade de fortunas e condições, Wang-Ngan-tché decretou que os ricos pagassem um imposto. Aos magistrados competia indicar os ricos e os pobres, sem mais apelação. Só o Estado podia fixar os preços aos generos; e isto era de difficil execução, porque não havia empresas comerciais nem industriais, suprimidas por Wang-Ngan-Tché, que as julgava incompativeis com o bem publico. A nacionalização do trabalho seguiu a do solo. De Yarkand a Pekin, a China era um vasto campo de experiencia colectivista, de que Wang-Ngan-tché se orgulhava de fazer, no espaço de alguns meses, uma reedição do Chan-Pi, paraíso terreal dos Chineses. Mas, infelizmente, não deu resultado. Em poucos meses, a China parecia um deserto. O imposto lançado sobre os ricos era de tal forma pesado, que no fim de 5 anos não lhes restava um tael. Os pobres tornaram-se ricos

e os ricos pobres. A fome ameaçava por toda a parte, porque ninguém trabalhava e começava-se já a murmurar, a ter em pouco as doutrinas do sociólogo. O próprio imperador fez sentir isso a Wang-Ngan-tché, que se não desconcertou, respondendo que eram naturais todos esses gritos de revolta.

E às duas por tres, a China estava miserável. Wang-Ngan-tché quis fazer della, uma grande nação colectivista, e converteu-a num centro de miséria e fome!

Tal e qual a Rússia actual.

As finanças da Rússia bolchevista. — Do «El Economista», n.º 1.726, Madrid, 6 de Março de 1920, p. 2.274, transcrevo em tradução literal o seguinte:

«A propósito dos bolchevistas, são curiosos e mostram os seus grandes dotes económicos e financeiros, os dados, que, segundo notícias de Varsóvia, se conhecem sobre os orçamentos da Rússia soviética. No primeiro semestre de 1919, os ingressos somaram 2.000 milhões de rublos, contra 17.000 de gastos; no segundo semestre, ascenderam os ingressos a 12.000 milhões, e os gastos a 19.000 milhões. Para os dois semestres do ano corrente, calculam-se os ingressos respectivamente em 20.000 e 18.000 milhões de rublos, e os gastos em 80.000 e 150.000 milhões. E tal é o regime defendido por muitos, mal chamados socialistas, de outros países, incluindo a Espanha, considerando-o como fonte de prosperidade e bem estar para os países em que seja implantado!...

Não ha dúvida que o regime bolchevista está arruinando a Rússia e fazendo morrer de fome a seus habitantes, e por isso de modo algum é para desejar que se implante noutras nações.»

Pelo que respeita à carestia dos artigos de primeira necessidade, julgue o leitor pelas seguintes citações.

Em 19 de maio de 1918, entre outras coisas tristes a este propósito, escreve Gorki que, sem ser bolchevista, tem colaborado na obra dos soviéticos, segundo afirma H. Fenner (Maxim Gorkis politische Gesinnung und seine Stellungnahme in der Sowietregierung, Berlin, 1919): «A carestia em Petersburgo toma proporções assustadoras. Quasi todos os dias é necessário levar em braços pessoas que de fraqueza caem pelas ruas; ora cai um carroceiro,

ora um general de divisão; aqui um oficial, vendedor de jornais, além uma modista.»

No mesmo artigo, narra o Autor que o celeberrimo físico, Professor Nicolau Alexandrowitsch Heseckus, estava num hospital com uma doença contraída por efeito da fome. Com êle, jaziam doentes mais 134 homens, em consequência de alimentação insuficiente ou de má qualidade.

O bolchevista A. Aydeyeff, ao dar uma idea sôbre o estado da República russa, no jornal bolchevista «Demain» em julho de 1918, escrevia (p. 178): «Particularmente Petersburgo sofre horrivelmente de falta de pão. Uma verdadeira carestia reinava ali já no mês de maio. A mesma carestia se espalha por todas as cidades.»

O próprio Lenine confessa a grande carestia, num discurso sôbre «a lucta contra a falta de pão» (Bern, 1918). Falou nele da fome que pesa gravíssimamente sôbre a Russia, e faz ali sentir sem medidas e mais notâvelmente os seus efeitos do que nos outros países. O tema principal do discurso foi indagar o modo e meios com que se há de vencer ou ao menos minorar sem demora a fome atroz que invadiu as duas Capitais e dúzias de províncias da Rússia agrícola.

Segundo informações do embaixador holandês Oudendijk, que voltou de Petrogrado em novembro de 1918, uma libra (400 gr.) de manteiga custava ali 50-70 rublos, uma libra de carne 22-25 rublos (antes, $\frac{1}{4}$ de rublo), e uma libra de pão húmido e insípido, 15 rublos (antigamente $\frac{1}{10}$ de rublo).

O delegado alemão do *Korpsoldatenrats des 1. Armeekorps* apresenta os seguintes preços para fevereiro de 1919 em Moscou: a libra (400 gr.) de manteiga 120 rublos, uma libra de carne de porco 70-80 rublos, uma libra de pão insípido 10-12 rublos, o mesmo pêso de farinha 20-25 rublos, e uma maçã já tocada 18 rublos! O rublo, como sabe o leitor, antes da guerra valia uns 3,50 francos.

DIONEL.

